

UMA AMAZONENSE

VERA FRANCO RELUTOU EM VIR, MAS A DECISÃO TOMADA COM O CORAÇÃO FOI ACERTADA. AQUI CRESCEU PROFISSIONALMENTE SEM PERDER COSTUMES DA TERRA NATAL

6 MIL
AMAZONENSES
MORAM
NO DF

LETÍCIA NOBRE

DA EQUIPE DO CORREIO

Brasília não estava nos planos da amazonense Vera Franco, 31 anos. Ela queria conhecer novas cidades, mas a capital do país era um destino impensável. “Não gostava nem da idéia de vir aqui, tinha a impressão de ser um lugar com energias pesadas, um lugar ruim”, admite a moça, filha de mãe índia e pai negro.

A descendente de uma das tribos do Alto Rio Negro relutou, mas foi convencida pelo coração. Em 2002, durante uma viagem de barco entre Manaus e Parintins, conheceu o mineiro Aluísio Antônio Alvarenga, 59 anos, morador de Brasília há 39. Foi no Festival Folclórico de Parintins — uma das mais tradicionais festas da região — que o casal cruzou seus destinos.

“Cada um estava com sua turma e a festa começou no barco”, lembra Aluísio, um admirador da cultura amazônica, que desde então não perde a festa dos bois Garantido e Caprichoso. “Vou todo ano com ela. E todas as vezes me emociono com o Garantido”, conta Aluísio que mora com Vera na Asa Norte.

Cristiano Mariz/Especial para o CB



“A VIDA ERA MUITO MAIS COMPLICADA EM MANAUS, EU MORAVA DO OUTRO LADO DO RIO, EM IRANDUBA, ATRAVESSAVA DE BALSÁ DE MANHÃ E DE NOITE. AGORA, SEI QUE ESTE É O MEU LUGAR”

Demorou quatro anos para Vera aceitar o convite de mudança para o Planalto Central. “Às vezes, marcava de encontrá-lo no Rio ou em outras cidades, mas não queria vir para cá”, relata. “Ela tinha medo do desconhecido e foi difícil convencê-la”, justifica o analista de sistemas.

De mala e cuia, acabou chegando no começo do ano passado. “Aos poucos fui me acostumando com a história e me mudei para cá.” Como havia deixado o emprego público no Amazonas, onde trabalhou por sete anos, Vera Franco encontrou nas bijuterias, até então seu hobby, uma fonte de renda. “Vendia principalmente para os funcionários da empresa onde meu marido trabalha. Eram materiais simples e faziam sucesso.”

Aos poucos, ela percebeu que em Brasília havia um filão inexplorado, as biojóias — bijuterias ecológicas e artesanais feitas com sementes, escamas de peixes e outros derivados da floresta amazônica. “Troquei o plástico e o metal, misturei as coisas da minha terra com madrepérola, couro e outros itens mais sofisticados.” Para atender a demanda, ela hoje trabalha de 10 a 12 horas por dia produzindo colares, pulseiras e brincos com temas indígenas.

A confiança no futuro, crescimento pessoal e profissional da amazonense se materializaram na loja que abriu este mês. “A vida era muito mais complicada em Manaus, eu morava do outro lado do rio, em Iranduba, atravessava de balsa de manhã e de noite. Agora, sei que esse é o meu lugar, não imaginava ter essa recepção aos meus brincos e colares”, admira-se.

Se a história desse casal começou com festa e música, não seria diferente ao mudar o cenário. “Gostamos de muita música, dança, comida. Reunimos os amigos tanto do Amazonas quanto de outros estados em almoços

típicos”, conta Aluísio. Vera completa: “Um dos pratos preferidos é o pirarucu (considerado o bachelou brasileiro) de casaca, feito com o peixe seco, banana, farinha do Uarini (município), uvas e ameixas secas. Uma delícia”, ensina. “Onde tem amazonense, tem música alta, conversa alta e alegria, muita alegria”, resume.

A receita é dada sem se esquecer de outras especialidades nortistas: tacacá com tucupi, bolinho de pirarucu, tambaqui assado, calderada de bodó; além dos sucos de frutas nativas: açaí, cupuaçu, buriti, graviola. “Nossa culinária é baseada em peixes e os sucos são muito consumidos”, descreve Vera Franco. “É uma comida saudável e saborosa”, ressalta Aluísio.